

A RESISTÊNCIA À REIFICAÇÃO NO CONTO “ÀS MARGENS DO ITUXY” DE HÉLIO ROCHA

Debora Priscila Arevalo Gutierrez¹

RESUMO: Este artigo tem como eixo norteador a reificação do indígena pelo olhar do colonizador no conto “Às margens do rio Ituxy” do autor Hélio Rocha. A partir desse conceito, apresentar-se-á a narrativa como uma crítica pós-colonialista, visto que o autor usufrui das margens de um dos afluentes do rio Purus como pano de fundo para que o leitor conheça, além dos costumes do povo indígena Apurinã, o processo de libertação armado por eles num ato de enfrentamento para com o colonizador. No conto já mencionado, o indígena encontra-se em posição inferior ao daquele que o oprime e é avistado como objeto a serviço dele, no entanto, não é subjugado a ponto de desistir de sua liberdade, conseguindo fugir do estrangeiro opressor, demonstrando sua força e independência na narrativa. Como referencial teórico adotamos a perspectiva pós-colonial dos autores Frantz Fanon (1968) e Aimé Césaire (1978); como processo metodológico a pesquisa bibliográfica e o como referencial teórico sobre os estudos de reificação Honneth (2008) e Jameson (1994).

Palavras-chave: Reificação indígena. Violência. Crítica pós-colonial. Resistance to Re-thingification in Helio Rochas's "As margens do Ituxy"

RESISTANCE TO REIFICATION IN HELIO ROCHA'S "AS MARGENS DO ITUXY" (ON THE BANKS OF ITUXY RIVER)

ABSTRACT: In this article I analyse Helio Rocha's short story "às Margens do Rio Ituxy" (on the banks of Ituxy River). My guiding axis is the reification of the indigenous through the eyes of the colonizer." Based on this concept, the narrative will be presented from a post-colonial perspective, as the author uses the banks of one of the tributaries of the Purus River as a background so the reader can know their customs, histories and environment. In addition the story presents the customs of the Apurinã indigenous people, the liberation process set up by the Amerindians in an act of equality with the colonizer. In Helio Rocha's story, the native is in a lower position than his oppressor and is seen as an object at the colonizer's service. However, the natives are not subjugated to the point of giving up their freedom, managing to escape from the oppressive foreigner, demonstrating strength and independence in the narrative. As a theoretical framework, we adopted the post-colonial perspective from authors such Frantz Fanon (1968) and Aimé Césaire (1978); as a methodological process the bibliographical research and as a theoretical reference on the studies of reification Honneth (2008) and Jameson (1994).

¹ Mestra em Estudos Literários; Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR); e-mail: deboraarevalo2412@hotmail.com

Keywords: Indigenous reification. Violence. Postcolonial criticism.

INTRODUÇÃO

A vida indígena, desde seus primórdios, foi violada pela chegada do colonizador com suas bagagens culturais, políticas e sociais e a ambição por dominar terras desconhecidas. Assim, quando pensamos em povos indígenas, é possível lembrarmos das atrocidades vividas por eles, principalmente a escravidão que por várias vias exterminou a maioria das etnias que se espalhavam pelas terras brasileiras. Sem punição ou culpa, o colonizador foi se alastrando pelo território em busca de riquezas para usar como moeda de troca no mercado internacional.

A causa do extermínio de muitos dos povos indígenas que existiam antes da chegada do colonizador à América deve-se a três fatores definitivos, segundo Todorov, em sua obra *A conquista da América*,

Por assassinato direto, durante as guerras ou fora delas: número elevado, mas relativamente pequeno; responsabilidade direta. Devido a maus tratos: número mais elevado; responsabilidade (ligeiramente) menos direta. Por doenças pelo “choque microbiano”: a maior parte da população; responsabilidade difusa e indireta. (TODOROV, 2010, p. 192, 193)

É possível compreender que entre os três fatores apontados por Todorov, o último indica o quanto a população indígena estava propensa a doenças que se tornaram epidemias pela gravidade de sua disseminação e rapidez de contágio. Por consequência, essa população sofreu ataques diretamente do colonizador e indiretamente pelas doenças que ele trouxe consigo. “A barreira epidemiológica era, com efeito, favorável aos europeus na América, e era-lhes desfavorável na África. Na África, os europeus morriam como moscas; aqui eram os índios que morriam [...]” (CUNHA, 2012, p. 14)

Assim, percebe-se no cenário do século XIX, com o cultivo da borracha no norte da Amazônia, que a exploração dos indígenas chegou ao seu auge, e não somente deles, senão também

de populações que emigravam de suas terras em busca da riqueza prometida (nordestinos e estrangeiros) pela fama do conhecido “ouro branco”. Como corroborado em Schiel,

A borracha, a febre da seringa, povoou bruscamente boa parte da Amazônia na segunda metade do século XIX. Para se ter uma idéia, cinquenta e quatro mil migrantes, provenientes do Nordeste, adentraram a Amazônia no ano de 1878 para o trabalho nos seringais. (SCHIEL, 2004, p. 59 apud ALMEIDA, 1992)

Assim, é importante destacar o trabalho feito por Roger Casement, diplomata, escolhido pelo Império Britânico para investigar a escravidão e tortura de barbadianos nas terras entre Perú, Brasil e Colômbia pela empresa de Julio César Arana, Peruvian Company. Casement deparou-se não somente com a escravidão dos súditos da coroa, senão também com a escravidão de povos indígenas pelos seringalistas. Em seu relatório, o diplomata descreveu as torturas sofridas pelos indígenas por não serem suficientemente “eficientes” para seus dominadores. (PALMQUIST, 2018)

À vista desses acontecimentos, o conto “Às margens do rio Ituxy” será estudado neste artigo tendo como eixo norteador a reificação do indígena pelo olhar do colonizador e a partir disso apresentar a narrativa como uma crítica pós-colonialista, situando o indígena como aquele que não se subjugava diante do opressor, lutando pela liberdade de suas mulheres, portanto de si mesmo; assim, o colonizador encontra-se na mesma posição diante do colonizado, não sendo visto mais como superior ou melhor do que ele. Logo, a narrativa torna-se uma contrarresposta à tentativa de opressão imposta.

O conto situa-se na obra *Maciary ou para além do encontro das águas*, do autor Hélio Rocha, natural do município de Lábrea, no estado do Amazonas. É professor Doutor na Universidade Federal de Rondônia e autor de *Maciary ou para além do encontro das águas* (2012), *Gaivotas* (2015) e *Coronel Labre* (2016).

A obra em questão foi publicada em 2012, pela editora Baraúna, e é composta por nove narrativas que possuem como temáticas a vida indígena e seu inevitável contato com o colonizador, o multiculturalismo e a formação da cidade de Lábrea, hoje atualmente município do estado do Amazonas. Nesta pesquisa se fará uso da segunda edição do livro, publicado em 2018.

Como eixo norteador para análise deste artigo nos estudos pós-coloniais, aplicaram-se as obras dos seguintes autores: Frantz Fanon (1968) em sua obra *Os condenados da terra* e Aimé Césaire (1978) e seu *Discurso sobre o colonialismo*. A partir do pensamento destes autores foi viável adotar uma crítica pós-colonial baseada na narrativa a partir do discurso de violência e descolonização de Fanon, da crítica ao colonizador a partir de Césaire. Para um estudo sobre reificação ou “objetificação” do indivíduo partimos do pensamento do filósofo alemão Axel Honneth (2008) e do crítico estadunidense Fredric Jameson (1994). É necessário salientar que a teoria da reificação foi fundamentada a partir do contexto social, cultural e político europeu do século XIX; no entanto, suas principais bases podem abranger o estudo do comportamento humano, esteja ele em outros contextos sociais e em outra época; sendo o caso da colonização das Américas a partir do século XVI.

O POVO APURINÃ E SUA CONEXÃO COM O ITUXY

O povo Apurinã ou *Popôkary* pode ser localizado nas extensões do estado do Amazonas; Acre; em Rondônia na terra indígena Roosevelt, aldeia Mawanat, no município de Espigão d'Oeste; ao longo do rio Purus e seus afluentes, na bacia do rio Madeira e no Alto Solimões; apesar de habitarem as terras do Amazonas no século XIX, é um povo que migra constantemente por isso se encontram espalhados pelos estados mencionados. O contato com outros povos não-índios ocorreu, segundo a pesquisadora desses povos indígenas, Juliana Schiel, no processo histórico de exploração de outras terras, como cito a seguir:

Os apurinã tiveram contato sistemático com não-índios no contexto da exploração da borracha. No século XVIII, o rio Purus começou a ser explorado por comerciantes itinerantes, na busca de chamadas “drogas do sertão”: cacau, copaíba, manteiga de tartaruga e borracha. Alguns destes itinerantes se estabeleceram e começou a haver, então, benfeitorias para exploração, ainda no baixo Purus. (SCHIEL et al., 2005)

De acordo com a pesquisadora, o contato com o colonizador e outros povos decorreu da procura por produtos para o comércio e exploração por parte da coroa portuguesa e de bandeirantes. Segundo o professor Francisco Carlos Teixeira da Silva, a exploração pelas terras amazônicas se

deve principalmente à proteção contra invasão dos limites territoriais pelos espanhóis, holandeses e franceses. “A constituição de um núcleo urbano deveria funcionar como um marco de posse e defesa da imensa bacia Amazônica contra investidas de holandeses e franceses, que já exploravam centenas de arrobas de peixe, peixe-boi e drogas do sertão” (SILVA, 1990, p. 66). Assim, foi inevitável para a comunidade indígena manter-se longe do contato com o estrangeiro.

Na narrativa “Às margens do Ituxy”, é destacável a presença dos costumes e da significação de cada prática para o povo Apurinã. São mencionados os alimentos cultivados,

Mandioca, jerumim, abacaxi, ananã, macaxeira, cheiro-verde, chicória, maxixe, melancia, melão, cana de açúcar, limão, manga rosa, banana, arroz, feijão e diversos outros alimentos eram cultivados nas margens férteis do Purus. Apurinã e Paumari eram conhecedores da riqueza oferecida pelas terras às margens de seu Cuxiuara. [...] O Cuxiuara e seus diversos afluentes eram respeitados. Sem eles não havia vida, pois essas águas alimentavam peixes e bichos de cascos saborosos e estes alimentavam há séculos e séculos. (ROCHA, 2018, p. 87, 88).

Os alimentos que a terra produz às margens do Purus para o povo indígena são gerados graças ao respeito entre ambas as partes, homem-terra. Constata-se que o rio é um elemento muito necessário e admirável na vida do povo Apurinã, mas também que este ecossistema foi aos poucos violado pela chegada de estrangeiros às partes mais longínquas da Amazônia, por isto, é relevante destacar o impacto causado pelas fases do ciclo da borracha. Segundo Schiel, é “Impossível falar dos Apurinã, hoje, sem falar da história da borracha, maneira pela qual o ‘sistema mundial’, ou o nome que se quiser dar a ele, os alcançou de forma definitiva. A paisagem humana do rio e igarapés, e suas construções, refletem esta história.” (SCHIEL, 2004, p. 60)

Dessa maneira, salientamos que a colonização, o bandeirismo e o ciclo da borracha, todos sendo acontecimentos históricos, são apresentados no conto “Às margens do Ituxy” como agentes responsáveis pela zona em que os personagens estrangeiros se encontram no começo da narrativa, ou seja, num contexto de exploração das terras e da borracha encontrada nessas áreas.

É essencial salientar a chegada do coronel Labre às terras do Cuxiuara, “era assim que os nativos chamavam o rio Purus” (ROCHA, 2018, p. 87). Este personagem histórico é o fundador do município de Lábrea (Macyary), no estado do Amazonas; natural do estado do Maranhão, ele “foi

um explorador intrépido, amante dos perigos, de estirpe sertaneja, empreendedor e visionário” (ROCHA, 2016, p. 151) que buscou a fundação de “uma cidade num dos afluentes da margem direita do Solimões”. (ROCHA, 2016, p. 154)

A REIFICAÇÃO DO INDÍGENA PELO COLONIZADOR

No conto “Às margens do Ituxy”, percorriam pelas margens do afluente do Purus três índias apurinãs: Ianoá, Anauí e Maripuã. Elas, na sua caminhada, encontram-se com “totís” (designação dada pelos índios aos estrangeiros que exploravam as terras do Purus e suas extensões) que as capturam e amarram com cipós a uma vara que as impedia de se movimentarem. Todo este episódio foi avistado pelos seus companheiros Apurinãs de longe, do outro lado do rio, com muita frustração. Estes esperavam a oportunidade de poder salvar suas mulheres das mãos de Braz e seu comboio, filho de Manuel Urbano da Encarnação, que possuía má fama pelas barbáries cometidas aos povos autóctones dessas terras a fim de lucrar rapidamente,

[...] é possível afirmar que Manuel Urbano era conhecedor do Purus e de muitos de seus afluentes. Um de seus filhos, Braz, havia se fixado na embocadura do Ituxi, no lugar chamado Atahiry, quando da chegada de Labre à região, e o próprio Manuel Urbano havia fixado moradia à margem esquerda do Purus, num lugar chamado Canutama, que dista 12 horas de viagem descendo de Lábrea por via fluvial. (ROCHA, 2016. p. 155).

Assim, anoiteceu e os torís dormiam no seu barracão montado às pressas enquanto os companheiros das “virgens noturnas” repassavam seu plano de libertação. Ao chegar a madrugada, Jirê, tuxaua daquele grupo de guerreiros Apurinã, põe o plano em prática, e junto de seus homens ataca o comboio de Braz e todos conseguem libertar suas mulheres. Apesar de três indígenas serem atingidos pelas balas dos rifles, o povo Apurinã, representado no conto, consegue de forma vitoriosa fugir do estrangeiro e se refugiar na aldeia da nação Juma. Lá, eles encontram abrigo e descanso para seus companheiros que tinham sido baleados; Ianoá desperta o interesse do filho do tuxaua Satyro, Jaremicê e prometem casar-se em breve; assim “o grupo seguiu viagem mata adentro” (ROCHA, 2018, p. 92).

Desta forma, um fator que acompanha a análise desse conto é a reificação, conceito fundamental para as teorias marxistas, que tem como significado a coisificação do ser humano, que passa a ser submetido ao cálculo e à administração da troca mercantil, como se fosse uma coisa (*res*, em latim), caso este por parte da visão do colonizador. Segundo o crítico e professor estadunidense Fredric Jameson, o conceito “descreve o modo pelo qual, sob o capitalismo, as formas tradicionais mais antigas da atividade humana são instrumentalmente reorganizadas [...]” (JAMESON, 1990, p. 2).

A visão reificadora é aquela que o capitalismo desenvolveu como meio de coisificar o ser humano e, conseqüentemente, suas ações; fazê-lo útil ao mercado de trabalho e ao sistema capitalista. Partindo do termo “utilidade”, relaciona-se este com a visão do colonizador de coisificar os povos autóctones e em sua maioria indígenas que habitavam a Amazônia brasileira, tomando como ponto de partida a análise do conto “Às margens do rio Ituxy”. Apesar de ter conceituado à causa do novo sistema de economia no mundo, a reificação já era praticada desde a antiguidade, principalmente com a escravidão que desde sempre foi um método para dominar o inimigo e ainda aproveitar-se dele.

É imprescindível destacar que por se tratar de um conto que evidencia uma época conturbada, tanto pela colonização, quanto pela exploração em massa dos territórios brasileiros, entende-se a visão de objetificação por parte do colonizador resultado de um processo histórico e social. Destarte, o colonizador ou explorador avista as outras comunidades nativas como inferiores e “utilizáveis” por acreditar em sua supremacia ou poder de dominação. Nesse sentido, afirma Schwarcz “A escravidão, em primeiro lugar, legitimou a inferioridade, que de social tornava-se natural, e, enquanto durou, inibiu qualquer discussão sobre cidadania. Além disso, o trabalho limitou-se exclusivamente aos escravos, e a violência se disseminou nessa sociedade das desigualdades e da posse de um homem por outro” (2012, p. 30).

No conto, é possível perceber a voz desse colonizador que se considera superior, assim, ele conquista e explora em nome da religião cristã, manifestando através desse ato a consideração de que sua crença é melhor do que a do colonizado. Como mostra a citação a seguir numa fala de Braz:

Laus Deo deve ser cantado, porque nos tem protegido desses antropófagos. Nossas armas, camaradas, são mortais. Porém, são elas mais mortais que essas flechas envenenadas? Oh! Onipotente! Dê-nos força pra lutar contra esses covardes das selvas tropicais. Por Ti, Oh! Senhor dos Exércitos, pobres mortais, é que nos empenharemos na mata e perseguiremos essas ovelhas desgarradas. A Cristo devem elas se curvar, pois como sua Palavra nos diz ‘Todo aquele que confessar teu nome como único Salvador, será salvo. Do contrário estará condenado’. À cruz que levamos no peito, símbolo de todo cristão, e à arma que carregamos nas mãos devem esses bugres se submeter. Então, avante, soldados de Javé. (ROCHA, 2018, p. 89).

É indiscutível que na fala acima citada, Braz, representante do colonizador no conto, é um seguidor pleno da religião cristã, julgando os indígenas selvagens e por isso “apropriados” para ter acesso a essa fé, mesmo que este contato e aceitação da religião do colonizador se dê a partir da violência e à força. Por isto, essa é justificada, para que assim Javé possa chegar aos selvagens e convertê-los ao bom e “certo” caminho.

À vista disso, a violência é vista como uma condição para “domesticar” os selvagens, transformando-se num fator importantíssimo para a colonização e o de subjugação, conseqüentemente para a reificação do indígena. Cito Césaire:

Entre colonizador e colonizado, só há lugar para o trabalho forçado, a intimidação, a pressão, a polícia, o imposto, o roubo, a violação, as culturas obrigatórias, o desprezo, a desconfiança, a arrogância, a suficiência, a grosseria, as elites descerebradas, as massas aviltadas. Nenhum contacto humano, mas relações de dominação e de submissão que transformam o homem colonizador em criado, ajudante, comitê, chicote e o *homem indígena em instrumento de produção* (CÉSAIRE, 1978, p. 24, *grifos nossos*).

A afirmação que Césaire especifica diante de sua análise sobre o processo de colonização, a transfiguração do indígena num instrumento de produção, não sendo visto pelo colonizador como “alguém” ou como “sujeito”. Da mesma maneira, e como meio de ampliar a discussão sobre a prática de “produção” por parte dos colonizados, cito Todorov, que explica este momento de objetificação feita por Cortez, com a civilização asteca, no andamento da conquista no México. “Cortez já não tem o mesmo ponto de vista, mas nem por isso os índios tornam-se sujeitos no sentido pleno, isto é, sujeitos comparáveis ao *eu* que os concebe. [...] São sujeitos sim, mas sujeitos reduzidos ao papel de produtores de objetos [...]” (TODOROV, 2010, p. 187, 189). Nota-se, então, que a visão que reifica

é a mesma que percebe o outro como “sujeito”, no entanto, a distorção existente na valorização do *eu* é mais predominante.

O pensamento do colonizador para o desconhecido, nesse sentido, gera a reificação pura e torna-se instrumento principal para explorar os povos desconhecidos e subjugar-los ao que, segundo o colonizador, seria o mais apropriado a ser feito. O medo que o desconhecido gera para este indivíduo é expelido como forma de superioridade e confronto àquilo que lhe é diferente. Sendo assim, não reconhecer abre caminho para a reificação em seu todo e seu mais completo significado: o ser humano tratado como objeto e visto como tal.

Desta forma, faz-se necessário evidenciar a tese de Axel Honneth, filósofo alemão, que defende a ideia de reificação não apenas como instrumentalização do outro, senão que por este ser humano é capaz de ser reificado, ou seja, sem essas especificidades humanas não seria esse aspecto possível. Assim, Honneth afirma ser concebível uma objetificação humana a partir deste termo em específico, e ainda ressalta que o tipo original de reificação feita pela humanidade foi a escravidão, por criar um sistema de produção que tratava as pessoas como coisas (HONNETH, 2008).

Na tese de Honneth é ressaltado o fato de que a reificação em sua mais pura versão de subjugação e não reconhecimento surge na escravidão dos indivíduos, quando não há um objetivo para os povos subjugados além do próprio comércio e vantagem daquele que acredita ser superior. Destarte, juntamente com a religião e a ideia de uma sociedade “moderna” advinda da Europa, o colonizador justifica seus métodos de barbárie e julgamento. Nesse sentido, em “Às margens do Ituxy”, concebe-se uma ideia de reificação a partir da objetificação do indígena perpassando pela identificação dele como sujeito, no entanto, sem reconhecê-lo como igual, mas como inferior.

“ÀS MARGENS DO ITUXY” COMO UMA CRÍTICA PÓS-COLONIAL

De acordo com o que foi analisado até aqui, “Às margens do Ituxy” vai moldando-se em uma espécie de contrarresposta para as opressões sofridas pelo colonizador. As personagens que representam a comunidade indígena na narrativa percebem que suas terras e suas mulheres estão sendo tomadas e respondem, através da violência, para assim poder se libertar do subjugador.

Segundo o filósofo martiniquense Frantz Fanon, pode-se analisar sobre a violência apresentada pelo colonizado o seguinte processo a partir do momento que começa a descolonizar-se,

Então o colonizado descobre que sua vida, sua respiração, as pulsações de seu coração são as mesmas do colono. Descobre que uma pele de colono não vale mais do que uma pele de indígena. Essa descoberta introduz um abalo essencial no mundo. Dela decorre toda a nova e revolucionária segurança do colonizado. Se, com efeito, minha vida tem o mesmo peso que a do colono, seu olhar não me fulmina, não se imobiliza mais, sua voz já não me petrifica. Não me perturbo mais em sua presença. Na verdade eu o contrario. (FANON, 1968, p. 34)

Pode-se afirmar que a reificação é respondida com violência por parte do subalterno, já que este não aguenta mais viver à mercê do colonizador, torna-se descolonizado por meio de um processo lento e íngreme despertado pela vontade de sobrevivência, uma vez que esta ação é necessária para sair da opressão. Por meio desse processo, o subjugado responde com violência, como percebido no conto:

Sarulé, guerreiro de pontaria certa, esticou seu arco e uma flecha tremulante foi atirada contra o peito de Odorico, o vigia das mulheres Apurinã; naquela noite sem luar. Não houve grito de dor. A flecha perfurara seu peito desguarnecido. A cabeça declinou sobre seu ombro direito. E sua mão, que segurava um rifle, caiu por cima de uma lamparina que iluminava o ambiente funesto. (ROCHA, 2018, p. 88)

Ao empregar a violência como meio de defesa para sua causa, o colonizado procura uma arma, utilizando a do colonizador. O fator mais relevante nesta análise é como o indígena responde à opressão do estrangeiro, já que, apesar de não buscar confrontá-lo, o faz quando é necessário. Desta maneira, a violência não pode ser levada no sentido tal qual Fanon explicita na sua obra *Os condenados da terra* -através de partidos políticos, intelectuais ou comerciais. Essa violência despertada pelo colonizador no colonizado é passiva, por isto, ela espera a reação do outro para que possa se estimular.

No caso de “Às margens do Ituxy”, os indígenas Apurinãs, representados pelas três personagens mulheres Ianoá, Anauí e Maripuçã e pelos guerreiros que as salvam, não procuraram, em

nenhum momento, da narrativa se mostrar ao estrangeiro, senão que ao contrário, evitam contato direto,

Os primeiros raios do Sol atingiam o espelho de águas escuras. Alguns ruídos, eram ouvidos. Porém, um estampido forte fez a mata tremer. Uma fumaça fedorenta tomou conta do ar. Chumbos cravaram-se no tronco de uma sapopemba que esparramava seus galhos por cima das palmeiras ondulantes. *As três fugitivas enfiaram-se entre as raízes dessa árvore gigante.* De repente, um grupo de seres desconhecidos as cercou. Lágrimas rolaram pelo rosto jovial das belas indígenas. (ROCHA, 2018, p. 86, *grifos nossos*)

Assim sendo, ao ataque do colonizador os guerreiros Apurinãs responderam com violência, já que eram atacados, no entanto, sempre com cautela, evitando o ataque direto com o colonizador. É admirável perceber a atitude tomada pelos indígenas diante do grupo de bandeirantes, pois sem medo e com muita coragem buscam a todo custo libertar as mulheres de sua etnia, e a própria liberdade. A atitude, sem dúvida, é um grande passo para que aconteça o processo de descolonização estudado por Fanon, uma vez que a prática é parte desse processo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo foi possível entender o processo de reificação, suas possíveis causas e suas consequências no conto “Às margens do Ituxy”. Foi possível, também, através da pesquisa bibliográfica construir reflexões sobre o contexto histórico vivido pelo povo Apurinã no ciclo da borracha, no bandeirismo e as explorações que, pelas margens do rio Purus e seu afluentes, acabaram formando uma cidade que leva consigo o nome do seu explorador, o coronel Labre.

Desta forma, a partir do conto foi possível compreender o processo de reificação e subjugação sofrido pelos povos indígenas nas terras altas da Amazônia, assim como refletir sobre as barbáries ocorridas durante o ciclo da borracha, que trouxe muito sofrimento aos povos autóctones e retirar aos migrantes de outras regiões do Brasil colônia.

A partir dos caminhos encontrados para fazer o estudo, efetuou-se o da reificação, que, como já explicitado, é um processo efetuado, no caso do conto, pelo colonizador para objetificar ou coisificar os povos indígenas, ou seja, estes são vistos pelo estrangeiro como grupos inferiores e por isso “utilizáveis” para fins escravocratas. Percebeu-se também que partindo de uma linha dos estudos



pós-coloniais, o conto se apresenta como uma espécie de contrarresposta ou resistência ao colonizador, pois, os Apurinãs lutam pela sua liberdade e buscam, mesmo que não diretamente, não se entregar à subjugação.

REFERÊNCIAS

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Índios no Brasil: história, direitos e cidadania**. 1 ed. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. 1 ed. Tradução Noémia de Sousa. Lisboa: Sá de Costa, 1978.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

HONNETH, Axel. Observações sobre a reificação. **Civitas - Revista de Ciências Sociais**, Porto Alegre, v. 8, n. 1, p. 68-79, out. 2008.

JAMESON, Fredric. **Reificação e utopia na cultura de massa**. Tradução de João Roberto Martins Filho. *Crítica Marxista*, São Paulo, vol.1, n.1, p. 1-25, 1994.

ROCHA, Hélio Rodrigues da. Labre. In: ALBUQUERQUE, Gerson; PACHECO, Agenor Sarraf (org.). **Uwa'kuru Dicionário Analítico**. Rio Branco: Nepan, 2016.

ROCHA, Hélio Rodrigues da. **Maciary ou para além do encontro das águas**. 2 ed. Rio Branco: Nepan, 2018

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: a questão do outro**. 4. ed. Tradução Beatriz Perrone Moisés. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Conquista e colonização da América Portuguesa: O Brasil Colônia-1500/1750. In: LINHARES, Maria Yedda (org.). **História geral do Brasil**. 6. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1990.

SCHIEL, Juliana *et al.* **Povos indígenas no Brasil: Povo apurinã**. out. 2005. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Apurin%C3%A3>. Acesso em: 26 jul. 2019.

SCHIEL, Juliana *et al.* **Tronco Velho: histórias Apurinã**. 2004. 524 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2004.



PALMQUIST, Helena. **Questões sobre genocídio e etnocídio indígena:** a persistência da destruição. 2018. 154 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Pará- UFPA, Belém, 2018.

SCHWARCZ, L. M. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário:** cor e raça na sociabilidade brasileira. São Paulo: Claro Enigma, 2012.